

E-PÔSTERES DE LÍNGUA PORTUGUESA

RESUMOS

27 de maio de 2024:

Sessão online I (17h-18h)

Coordenação: Violeta Virginia Rodrigues

Debatedora: Manuella Carnaval

Requisitos e funcionalidades para marcação e processamento de unidades de intensificação em textos do portal digital InCorpora

Erick Gaiote dos Santos; Déborah Ribeiro de Alvarenga; João Pedro de Carvalho Souza (UFRJ)

O objetivo desta comunicação é apresentar o portal digital InCorpora, que tem como foco o processamento de línguas românicas para educação e pesquisa. Estamos desenvolvendo requisitos para várias funcionalidades de processamento de linguagem natural, incluindo etiquetagem de unidades linguísticas e detecção de relações entre elas, como sinônimos ou antônimos. Assim, para ilustrar a interseção entre Linguística e Ciência da Computação, utilizaremos dados de unidades linguísticas de intensificação no português brasileiro (formas tradicionais e inovadoras). Além disso, o InCorpora visa incorporar funcionalidades para análise de dados textuais de diversas coleções, enfrentando desafios como variedade linguística, fonte do texto, gênero textual e temática. Diante disso, é crucial prever mecanismos que capturem diferentes correlações, considerando as línguas românicas multidialetais e sujeitas a contatos multilíngues.

Vogais médias pretônicas na fala de Luanda: introduzindo a questão

Isabella Barreto Meneses Oliveira (UFRJ)

No Português Europeu (PE), o alteamento variável das vogais médias pretônicas redundou num sistema de quatro vogais devido à neutralização entre as médias e as altas (CASTRO, 1991), distinguindo-o Português do Brasil, onde a variação entre essas vogais se mostra estável. Estudos sobre o tema em variedades africanas (NASCIMENTO, 2018; PASSOS, 2022) indicam que as variantes médio-altas predominam nesse contexto. Como o PE é a norma de referência dessas variedades e não há pesquisas sobre essa variável no Português de Angola (PA), realizou-se um estudo quanti-qualitativo introdutório e variacionista para formular hipóteses sobre as formas de realização dessas vogais no PA. Selecionaram-se dados de entrevistas do corpus do Projeto “Em busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos” com indivíduos de nível fundamental de instrução e falantes de Português L1 e L2. A análise se deu a partir do controle de dez variáveis e comentários acerca da frequência de itens lexicais.

***Na verdade*: valor de retificação e subtipos semântico-pragmáticos**

Caio Matheus Caldas Barbosa e Deise Cristina de Moraes Pinto (UFRJ)

Pautando-nos na ideia basilar para a Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010) de que a língua se estrutura como uma rede de construções que se (re)molda a partir do uso e das necessidades comunicativas do falante, apresentamos, neste trabalho, uma

análise da construção *na verdade* em dados do *Corpus do Português* e da rede social *X* (antigo *Twitter*) em que foram identificados diferentes valores nos diversos contextos de uso. Defendemos que, no século XXI, essa construção, além do valor prototípico de modalizador epistêmico de retificação, apresenta extensões de sentido. Assim, estudamos os padrões formais que podem estar relacionados a essas extensões de sentido, entendendo que tais usos configuram subtipos semântico-pragmáticos que organizam-se em um *continuum* em que, utilizando a retificação como fundo, ora a construção ressalta maior contraste entre as informações em jogo, ora introduz uma adição, com menor contraste entre as informações.

‘DE FATO’ no século XX: uma análise baseada no uso

Alex Sandro Oliveira de Paulo e Deise Cristina de Moraes Pinto (UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo explorar os sentidos da construção epistêmica *de fato*. Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, consideramos que a gramática é moldada a partir do uso efetivo da língua. Assim, coletamos dados a partir de textos escritos em língua portuguesa, do século XX, na aba “Gênero/Histórico” do *Corpus do Português*. Dessa forma, verificamos que além do valor epistêmico da construção em que se constata, confirma ou concorda com algo, há dados em que *de fato* se comporta como um mecanismo de contra-argumentação. O uso da construção, nesses casos, é apenas uma forma que o falante encontra para demonstrar que não discorda totalmente do interlocutor; entretanto, ele tende a expressar, logo após, a sua verdadeira opinião sobre o assunto discutido. Esse uso ocorre quando a construção se relaciona com a conjunção adversativa *mas*, sendo esse esquema construcional representado por [*De fato* + oração, *mas* + oração].

VOU MANDAR O RESUMO PARA O PPGLEV, VAI QUE ACEITAM! Uma análise funcional da construção [[VAI QUE] (S) V]

Juan Lima de Paula (UFRJ)

Este estudo objetiva analisar quali-quantitativamente a construção [[*Vai que*] (S) V], sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. Os dados coletados foram retirados de contextos escritos do Português Brasileiro presentes no *Twitter* (X) e referem-se ao esquema [[*Vai que*] (S) V]. Assim, a análise tem como finalidade: i) investigar os diferentes contextos discursivo-pragmáticos em que [[*Vai que*] (S) V] ocorre; ii) observar a frequência *type* e *token* dos dados; iii) analisar quais verbos podem ser gerados no *slot* de V. Os resultados foram: i) As ocorrências aparecem frequentemente na posição intrafrásica, como fechamento do discurso anterior; ii) o *token* com maior produtividade foi *Vai que* [Ø] *precisa*, seguido do verbo *melhorar* e *ajudar*, com pouca variação nas formas verbais, e, na maior parte das vezes, sem sujeito exposto; iii) diferentes itens podem ocupar o *slot* de V, como: *gostar*, *precisar*, *funcionar* e *ir*.

Predicações com *ter* e *haver* para expressão de existência em vozes e escritas de autores literários brasileiros e portugueses

Clara de Laroli Schwartzman (UFRJ)

O foco desta investigação socioconstrucionista é a variação de formas verbais a serviço da expressão de existência na literatura contemporânea. Tenciona-se comparar dados coletados em obras escritas por autores que possuem o português brasileiro como língua materna com dados observados em obras escritas por autores que possuem o português lusitano como língua materna. Procura-se descrever a inclinação dos autores de cada nacionalidade em relação à predicação de existência concretizada por meio de construções com os verbos “ter” ou “haver” na escrita. Objetiva-se verificar como está, em textos literários, o alegado processo brasileiro de substituição de haver por ter e comparar a frequência de ocorrência e de tipo construcional dessas variantes em obras brasileiras com as que se podem detectar em obras portuguesas. No estudo quali-quantitativo, considera-se grupos de fatores como: tipos de construções, variedade de língua, faixa etária do autor, gênero/sexo. Também se recorre à observação qualitativa da expressão linguística dos autores em outros espaços: entrevistas, podcasts, blogs; dado o interesse por conhecer suas inclinações quando exprimem existência fora dos seus textos literários, e mesmo da escrita.

27 de maio de 2024:

Sessão online II (17h-18h)

Coordenação: Danielle Kely Gomes

Debatedor: Pâmela Fagundes Travassos

Construção da modalidade e expressão do sujeito em peças portuguesas e brasileiras dos anos 1800 e na década de 1990

Gabriela Cristina de Souza Almeida (UFRJ)

Este trabalho propõe uma análise contrastiva entre peças de teatro popular brasileiras, analisadas por Augusto (2015), e peças portuguesas, dos anos 1800 e da década de 1990, observando a expressão da Modalidade, uma categoria semântica, e a do sujeito sintático. O quadro teórico une a Teoria da Variação e Mudança (1968), tomando como componentes gramaticais a descrição de Moura Neves (2006), que opõe a modalidade epistêmica à não-epistêmica, e a Teoria de Princípios e Parâmetros (1981) para a análise da posição estrutural do sujeito. A metodologia contempla peças de teatro popular, escritas nos dois períodos-limite mencionados, parte de amostra mais ampla, objeto de trabalho futuro. Os dados são codificados segundo alguns fatores linguísticos determinados pelas teorias gramaticais citadas (as estratégias para a expressão da Modalidade por predicadores verbais, adjetivais ou verbos auxiliares) e a realização do sujeito. A análise estatística dos dados utiliza o programa Goldvarb-X.

Estudo preliminar sobre a debucalização de /S/ em uma comunidade de fala potiguar

Gabriel Sales Duarte Bezerra (UFRJ)

Este trabalho descreve condicionamentos sociolinguísticos da variação entre formas alveolares e glotais de /S/ na fala da cidade de São José de Mipibu, localizada no Rio Grande do Norte. A análise é fundamentada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e da Fonologia Autossegmental, especificamente da Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995). O conjunto de dados analisados é oriundo do projeto Descrição de Línguas Naturais – Português: formas variantes do arquifonema /S/ na fala dos potiguares. Os dados foram submetidos a modelos de regressão logística, a fim de explicitar as variáveis mais produtivas para análise do fenômeno. Os resultados demonstraram que a articulação glotal é favorecida diante de segmentos com traço [+soante], em posição de sílaba tônica e em sílaba final de palavra diante de consoante (padrão /V__#C/). Há, também, indícios de que a posteriorização pode ser mais produtiva na fala de indivíduos com mais baixos graus de escolarização, em conformidade com o que a literatura já identifica em outras comunidades.

A sintaxe dos clíticos no PE e no PB a partir de peças de teatro dos anos 1800 e 1990

Fernanda Elias Borges de Oliveira (UFRJ)

Estudos diacrônicos da sintaxe dos clíticos, como Pagotto (1998) e outros, atestam que se usava a ênclise no Brasil do século XIX para imitar o Português Europeu Moderno (PE), modelo de civilização, negando a próclise do Português Clássico (PC). Analisamos a ordem dos clíticos em comédias de teatro popular de Lisboa e do Rio no século XIX e na década de 1990, para investigar a mudança do PB oitocentista em direção ao PE e a posterior implementação de uma norma brasileira. O quadro teórico-metodológico é a Socioparamétrica e a análise estatística utiliza o Programa Goldvarb-X. As hipóteses partem do fato de que a elite importava a norma dos estudos em Coimbra para um Brasil com 0,5% de alfabetizados no século XIX (Houaiss, 1985). Esperamos encontrar um PB que evita próclise nos anos 1800, e exibe uma colocação brasileira nos anos 1990, com colocações do PC, inovações e um reduzido quadro de clíticos. No PE, esperamos estabilidade com a consolidação da ênclise sem atrator.

A escolha entre definido e indefinido na produção discursiva e seus efeitos semânticos: uma aplicação didática

Ingrid Nascimento Chaves; Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

O artigo definido (“o”, “a”) e indefinido (“um”, “uma”), para a Semântica Formal, exercem papéis distintos no discurso, por conta de suas semânticas diferentes (Quadros; Mendes, 2018). O artigo definido licencia leituras de unicidade, maximalidade e unicidade, enquanto o indefinido não tem força própria, servindo para a inserção de novos referentes no discurso (Ibidem, p. 96). Na sentença (1) “Um aluno faltou à aula. O aluno estava doente”, por exemplo, pode-se entender que se trata do mesmo aluno, mas de (2) “Um aluno faltou à aula. Um aluno estava doente” não. Em (3) “João quer namorar uma loira”, por outro lado, temos duas interpretações: uma específica, a qual se refere, por exemplo, à Nicolly, que é loira, e uma genérica, a qual denota a preferência de João por loiras. Já em (4) “João quer namorar a loira” exige um contexto em que essa loira seja

familiar. Em sentenças apresentacionais, como em (5) “Tem uma mosca na minha sopa”, o indefinido é aceito, mas o indefinido não, como em (6) “* Tem a mosca na minha sopa”. A partir dessas diferenças, desenhamos sequências didáticas, com metodologias ativas, voltadas para o sétimo ano do ensino fundamental.

Multiletramentos e resenha: uma proposta para o ensino

Thalita Cristina Souza-Cruz (UNIRIO); Leonor Werneck dos Santos (UFRJ)

Nesta pesquisa, apresentamos as práticas de multiletramentos na escola a partir dos princípios defendidos na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), explorando, principalmente, o eixo de Análise Linguística/Semiótica. Escolhemos analisar resenhas devido à versatilidade desse gênero, que circula entre diferentes esferas (jornalística, educacional, acadêmica) e várias mídias. Além disso, por se estruturar predominantemente de maneira argumentativa, a resenha tem sido utilizada como “gênero de entrada” para o desenvolvimento dessa tipologia. Inicialmente, apresentamos algumas reflexões sobre a importância da concepção de texto como unidade de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, em uma perspectiva multisemiótica (Geraldini, 1997[1984], 2015; Marcuschi, 2008; Rojo; Moura, 2012; Santos; Riche; Teixeira, 2012; Santos, 2021; Santos; Lebler, 2021). Em seguida, discutimos a estrutura da resenha (Machado *et al.*, 2004; Motta-Roth, 2010; Souza-Cruz; Santos, 2023), exemplificando com a versão escrita tradicional, em vídeo e no formato de microrresenhas, comuns em redes sociais, apresentando, por fim, propostas de atividades para o Ensino Fundamental.

O ensino do tempo verbal

Iara da Silva de Oliveira e Souza (UFRJ)

Em Semântica Formal (Quadros Gomes & Sanches Mendes, 2018, p. 15) “dedica ao significados linguísticos das línguas naturais” e seus fenômenos. Ela descreve o tempo linguístico, produto de situar eventualidade a partir do proferimento da sentença. O momento da fala estabelece um marco zero atualizado em um agora; é por este motivo que o tempo linguístico é uma categoria dêitica. A semântica formal explica, dedica-se ao estudo significado e a formação de sentenças pelo falante produzindo hipóteses observadas e verificadas. E ao produzir sentenças, ela ajudará na prática do conhecimento nas aulas de português. Isto é, a semântica formal das línguas naturais apóia-se na necessidade da explicação de como o falante sabe, o que sabe e se sabe relacionar a cadeia sonora a um estado de coisas no mundo. A metodologia aplicada é a usualmente adotada pela Semântica Formal: de julgamento de verdade com diferentes características de telicidade e tempos linguísticos em sentenças das línguas naturais. Entendendo-se por julgamentos de valor de verdade é conhecer o significado dentro da sentença e conhecer suas condições de verdade. O tempo cronológico faz parte da experiência cotidiana da vida privada e da coletiva. Organizamos nossos compromissos de acordo com as datas da folhinha e com as horas do relógio. À primeira vista, pode parecer que a língua reflete essa organização, apontando para a passagem inexorável do tempo cronológico. Mas se o tempo cronológico não para nem volta, o tempo linguístico nos permitem ir ao passado e ao futuro, não obstante a nossa inevitável condição humana de seres históricos imersos no presente. O tempo linguístico é relativo ao momento de proferimento, ao chamado momento de fala (MF), algo que não é considerado do tempo cronológico. Por isso, não devem ser confundidas as duas noções de tempo. Ilustrando, a sentença “eu viajo amanhã” apresenta o verbo ‘viajar’ conjugado no presente simples do indicativo, mas o evento de

viajar é futuro, pois fala-se de uma viagem posterior ao momento em que a sentença é proferida. Neste contexto de análise, observa-se que a fala da prof^a. Ana Cristina Simões de Araujo (2021) diz que a metodologia ativa tem como objetivo repensar práticas cujo centro não pode ser exclusivamente ocupado pelo professor, precisa propor a transformação das aulas tradicionais em experiências mais vivas e significativas de aprendizagem para o aluno possa ser instrumentalizado e tirar suas próprias conclusões a partir de observações de dados em sua língua.

27 de maio de 2024

Sessão online III (17h-18h)

Coordenação: Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado

Debatedor: Wellington Santos da Silva

A ordem do sujeito em questão: um olhar para o Português Moçambicano L2 e para o Português no Brasil nos séculos XVIII e XIX

Elaine Alves Santos Melo; Renata do Carmo Oliveira (UFF)

Neste trabalho objetiva-se investigar os padrões de ordenamento do sujeito, no Português Moçambicano-L2 (PM-L2) e, no Português produzido no Brasil, nos séculos XVIII e XIX. Propomo-nos a: (i) analisar a ordem do sujeito em sentenças monoargumentais e transitivas; (ii) comparar os resultados e relacioná-los aos períodos históricos, isto é, aqueles que antecedem ou são concomitantes à emergência de gramáticas em ex-colônias portuguesas. Utilizam-se duas amostras: (i) Corpus Moçambique – PORT (Vieira e Pissurno, 2016); (ii) PHPB-RJ – cartas oficiais. A fim de desenvolver o trabalho, os dados foram coletados e analisados de maneira quantitativa e para tanto se usou o Goldvarb-x (Sankof, Tagliamonte e Smith, 2001). Adotam-se os pressupostos da Teoria de Variação Paramétrica (Kato e Tarallo, 1989). A hipótese que nos norteia é: os padrões de ordenamento dos constituintes serão diferentes, pois a emergência das duas gramáticas se dá em contextos distintos. Os resultados preliminares tendem a confirmá-la. Busca-se contribuir com uma análise sobre a emergência de gramáticas do português em ex-colônias de Portugal.

As orações relativas no português em Moçambique: um estudo da modalidade oral

Mariana Santana Santiago Oliveira (UFRJ)

Esta pesquisa se debruça sobre o estudo da variação nas estratégias de relativização na variedade do português em Moçambique, na modalidade oral. O fenômeno variável em foco coocorre a partir de três formas variantes, uma canônica, a chamada estratégia padrão – que obedece a regência do verbo ou nome na oração relativa, – e duas não-canônicas, – a cortadora –, que se caracteriza pelo “corte” da preposição exigida pelo verbo ou nome da oração relativa – e a copiadora, – que pode ser reconhecida pela presença do “pronomes cópia” na oração encaixada.

(1) “depende da zona em que tu estás a viver [...]” (PMO A-1-M); (relativa padrão)

(2) “...elas sempre têm uma personagem que se identificam [...]” (PMO A-2-M); (relativa cortadora);

(3) “essa crise derivou-se do nosso ex-presidente que ele pediu dívida a um valor muito elevado [...]” (PMO A-1-M); (relativa copiadora)

A pesquisa foi realizada à luz da Teoria da Variação e Mudança (WEIREICH; LABOV; HERZOV, 1968). Para a análise da distribuição das estratégias de relativização, foram coletados 1133 dados de orações relativas em 18 inquéritos pertencentes à amostra principal do *corpus* Moçambique-PORT (VIEIRA; PISSURNO, 2016). A amostra é estratificada de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade. O objetivo da pesquisa é investigar a distribuição das orações relativas e os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem a implementação das estratégias não-canônicas. Tinha-se como hipóteses que as variedades do português estariam apresentando tendências similares em função da generalização do *que*, e que o contato com as línguas autóctones poderia ser um condicionante para a variação entre as estratégias de relativização. As análises quantitativas mostram (i) que o acesso à escolarização é um fator de alta relevância para a variação entre as estratégias de relativização, (ii) que o contato com as línguas autóctones pode influenciar a aplicação de uma ou outra estratégia relativa, e (iii) que o pronome relativo *que* favorece a implementação da estratégia não-canônica cortadora. Levando em conta esses resultados, foi feita uma série de interações entre variáveis previsoras (OUSHIRO, 2021), como *sexo* e *escolaridade*, e *estatuto da aquisição do português* e *contato do português com línguas autóctones*. A interação entre *escolaridade* e *sexo* foi realizada pois, segundo Pissurno (2018), as mulheres tenderiam a utilizar menos a norma de prestígio, além de promoverem as línguas *Bantu*, por em geral terem escolaridade mais variável e por participarem de contextos sociais em que a escolarização formal não é favorecida. O critério que justifica a interação entre as variáveis *estatuto do português* e *contato com as línguas autóctones* é que a definição do estatuto do português se dá a partir da autodeclaração dos informantes, o que pode enviesar o efeito da variável aquisição do Português como primeira ou segunda língua. No entanto, quanto as interações testadas, não houve indícios de influência das condições verificadas no fenômeno linguístico estudado, embora a pesquisa realizada lance luz sobre a necessidade de trabalhar com um *corpus* mais extenso, a fim de se encontrar informações sobre a influência do (i) estatuto da aquisição do português, (ii) e do contato do português com as línguas autóctones na variação entre as estratégias de relativização.

Para uma edição crítica de *Vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, de António José da Silva Coutinho

Igor Sanches Pinheiro (UFRJ)

Inspirada na obra de Cervantes, a peça teatral *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, do luso-brasileiro António José da Silva Coutinho, foi encenada pela primeira vez em 1733 (COSTIGAN, 2009). No exame atento da tradição do texto, há um texto manuscrito de 1782, 49 anos após a encenação da peça e 38 anos após a publicação do primeiro testemunho impresso. De orientação filológica (SPINA, 1977; BLECUA, 1983; CAMBRAIA, 2005), o objetivo deste trabalho é propor o estabelecimento de uma edição crítica da obra, investigando a transmissão do texto, a partir do estudo de sua tradição impressa e manuscrita, analisando as diferenças existentes entre esses testemunhos para compreender a relação genética entre eles.

Construções de representação/qualificação: um olhar diassistemático

Jeane Nunes da Penha (UFRJ)

Na presente proposta de pôster focalizamos a comparação entre predicadores complexos do português e do espanhol, tais como, *fazer-se de bobo*, *fazer-se de vítima*, *hacerse el bobo*, *hacerse la víctima*. Os usos destas construções, a depender do ambiente de processamento, podem sinalizar uma atitude simulada por parte do falante emissor ou uma percepção individual do mesmo com relação ao comportamento do seu interlocutor traduzindo, então, uma qualificação. Partimos da hipótese de que a construção mais esquemática seria uma diaconstrução, pois licenciaria padrões no português e no espanhol. Por isso, mapeamos atributos de forma e função dos construtos, a fim de delimitar o que as construções de ambas as línguas apresentam de (dis-)semelhante. Analisamos *corpora* reunidos por meio de coleta de dados reais do uso. Para embasamento teórico, partimos dos pressupostos da Linguística Funcional-Cognitiva (BYBBE, 2003; LANGACKER, 2008; DIESSEL, 2015), da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995 e 2006; TROUGOTT & TROUSDALE, 2013) sob um viés diassistêmico da linguagem (HÖDER, 2012; 2014 e 2018) e da abordagem Socioconstrucionista da língua (CAPPELLE, 2006; MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2019 e 2020).

A realização do ditongo /ei/ na Ilha da Madeira

Sergio Luiz Karlinski Neto (UFRJ)

O presente estudo enseja investigar a realização variável do ditongo /ei/ em falantes nativos do Funchal, capital da Região Autônoma da Ilha da Madeira, com o intuito de compreender e explicar a ocorrência de tal fenômeno, explicitando os contextos que favorecem a redução do ditongo. Assim, partindo-se de um *corpus* composto de 18 inquéritos com falantes nativos, subdivididos e categorizados de acordo com o sexo, faixas etárias e níveis de escolaridade, foi possível analisar os fatores intra e extralinguísticos que influenciam a redução do ditongo ao monotongo. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico fornecido pelo pacote RBrul, com o qual foi possível descrever a produtividade de tal fenômeno e os contextos, sociais e estruturais, que favorecem a redução. Os resultados apontam para um comportamento similar ao de outras variedades, a saber: observa-se maiores índices de redução em ditongos antes de [ʃ], [r] e [ʒ].

“Monamgambé” e “Construção”: referenciando e objetificando o trabalho humano

Luiza Guimarães Lanes

O objetivo geral deste trabalho é analisar, sob o viés da referenciação, o poema “Monamgambé”, do escritor António Jacinto, e a música “Construção”, do compositor Chico Buarque. Embora situadas em espaços e tempos distintos, tais produções tocam na exploração do trabalhador. Diante desse cenário, escolhemos, como objetos de discurso, os termos “Monamgambé” e “operário”, responsáveis por auxiliar na delimitação temática que une os textos em pauta. Emerge, assim, o seguinte questionamento de pesquisa: de que modo a referenciação auxilia no arranjo arquitetônico de textos distintos do ponto de vista sociotemporal? Buscando responder à questão-problema, (i) faremos um levantamento teórico acerca da referenciação; (ii) enfatizaremos a noção de cadeia

referencial; (iii) analisaremos os textos a partir de um viés linguístico, destacando as estratégias referenciais e as pistas textuais existentes. Quanto à metodologia, é um trabalho bibliográfico, que se respalda, sobretudo, em Fávero e Koch (2012 [1983]), Koch (2021 [2004]), Mondada e Dubois (2003), Santos e Cavalcante (2014), entre outros.